

# “Eu vou insistir na reforma administrativa”

Fernando Henrique diz que o Congresso atual é o que mais trabalhou, mas precisa aprovar logo “certas medidas”

por Getulio Bittencourt  
de Montreal

O presidente Fernando Henrique Cardoso estava disposto a dar uma entrevista coletiva apenas sobre a sua viagem ao Canadá, ontem pela manhã, após seu encontro com empresários dos dois países em Montreal. Não deu certo: o resultado das votações no Congresso dominou o questionário e condicionou suas respostas.

Ele foi firme. Disse que ainda espera obter uma reforma administrativa boa, e vai tentar outra vez. Atribuiu a votação a uma falta de informação dos deputados, porque a administração brasileira hoje não está boa — nem para o presidente, nem para os funcionários, nem para o público.

O presidente da República — que sentia um ligeiro incômodo no ouvido — disse também que se tivesse recebido ajuda na aprovação das reformas, não precisaria de um segundo mandato. Fernando Henrique confessou que a vida de presidente é dura e não chega exatamente a estimular uma pessoa, mas faz o trabalho porque é seu dever como brasileiro. A seguir, os principais pontos da entrevista coletiva:

**Pergunta** — O que o senhor achou da sua viagem ao Canadá?

**Fernando Henrique Cardoso** — Bastante movimentada. Muito trabalho, praticamente não parei. Mas em todos os locais em que pude entrar em contato com os canadenses, como hoje, agora, com este conselho de empresários, senti primeiro um grande interesse sobre o Brasil; segundo, uma informação que em si não é muito completa, mas razoável, para que perce-

bam que o Brasil está mudando; e terceiro, uma coincidência, do ponto de vista governamental, quanto aos objetivos das relações do Brasil com o Canadá, e a participação do Brasil no Mercosul, que para nós é indispensável, com o Canadá disposto a abreviar caminhos, participando eles também eventualmente numa zona de livre comércio com o Mercosul. E vê-se também que há muita confiança, não só no Brasil, mas também com toda a transformação que está ocorrendo nas Américas, do ponto de vista econômico e cultural, que ajuda a entender o que está acontecendo no Brasil.

**Pergunta** — E sobre as votações das reformas no Congresso?

**Cardoso** — Eu acho que as pessoas precisam entender, no Brasil, que não dá para preservar certos padrões antiquados de relacionamento dentro da administração brasileira. Para que nós possamos pagar melhor os funcionários, é preciso que sejam melhor recrutados, e precisam ter desempenho melhor. Muitos são competentes, outros não são. E não sendo, não há como manter. Quem paga é o povo. Eu acho que é preciso ter coragem de mudar as coisas. Muitas vezes as pessoas, como não têm consciência, pensam que sendo pela manutenção do que está aí, estão sendo ultra-avançados. Não. O que está aí não está bom. Nenhum brasileiro está contente com a situação da administração no Brasil: nem o presidente, nem o funcionário, nem quem tem que ser atendido pelo servidor público. Então, por que não mudar? É uma mentalidade velha, e temos que acabar com ela.

**Pergunta** — Como o senhor analisa a votação da reforma administrativa. Com a posição do presidente da Câmara dos Deputados, fica mais difícil para o senhor?

**Cardoso** — Acho que o presidente da Câmara é uma pessoa que está também empenhada nas reformas. Eu acho que isso não pode ser colocado nos ombros de uma só pessoa. Dele ou de um partido. Temos que conversar com o conjunto dos deputados. Acho que às vezes são coisas assim muito acidentais, de presença. Mas eu sinto um senso de urgência. Vejam as possibilidades que nós temos, a credibilidade que alcançamos, isso é o que vale para o futuro do Brasil. Não é uma votação um pouco ranheta aqui ou ali, ou pessoas que se aferram a interesses, digamos, limitados de corporações. Ou que ficam olhando o curto prazo. Enfim, ninguém avança no Brasil se não tiver coragem. Primeiro a coragem de, muitas vezes, dizer não. Não atender à pressão momentânea, olhando no médio prazo. Eu acho que vamos ainda conseguir uma boa reforma administrativa. Eu vou insistir. Vocês sabem que eu insisto.

**Pergunta** — O senhor pensou alguma coisa sobre os ministérios?

**Cardoso** — Não, isso é uma coisa que na volta eu vou ver.

**Pergunta** — Presidente, ficou mais difícil agora para as medidas provisórias?

**Cardoso** — Sobre as medidas provisórias, eu apóio as transformações que estão ocorrendo. Discuti com congressistas. Vejam, eu fui o presidente que menos fez medidas provisórias. Quando as pessoas dizem que nós estamos abusando, é porque estão de má fé. Estou apenas reeditando as medidas de outros, ou as minhas mesmo, quando o Congresso não vota. Eu fui o presidente que menos usou medidas provisórias. Muitas vezes eu as uso quando o Congresso mesmo está de acordo que eu as use.

**Pergunta** — O senhor acha que o Congresso é que faz o presidente editar as medidas provisórias?

**Cardoso** — Não, eu não digo isso. Eu digo que é preciso algum mecanismo que permita ao Congresso votar. Não é o Congresso o culpado, é o mecanismo. Então, nós discutimos isso, eu discuti com o presidente do Senado, o Antônio Carlos, com o presidente da Câmara, com os líderes. É uma negociação com o meu apoio.



Fernando Henrique Cardoso

Eu sou favorável a que haja um mecanismo que permita que o Congresso vote. Nós reeditamos, para mim é melhor que o Congresso vote.

**Pergunta** — Desde o Plano Real, o Brasil tem conseguido mudar a sua imagem no exterior. Mas recentemente a imagem do País tem sido prejudicada pelos casos de violência.

**Cardoso** — É verdade.

**Pergunta** — Os casos das Polícias Militares do Rio e de São Paulo, o Movimento dos Sem-terra, a lentidão das reformas, isso abala a credibilidade e os investimentos no Brasil?

**Cardoso** — Eu tenho demonstrado minha firme vontade de continuar pelo caminho que está sendo traçado, que o povo brasileiro apoiou nas eleições e continua apoiando. Com isso eu mostro disposição e firmeza; que tenho mesmo, de levar adiante as transformações. Agora, evidentemente, não é que abale aqui fora, abala é lá dentro.

**“Nenhum brasileiro está satisfeito com a situação da administração no Brasil”**

Esse grau de violência a que nós chegamos na morte do índio é revoltante. Matar líder camponês é revoltante. Isso não é aceitável, não por causa do exterior, mas por nós próprios. O Movimento dos Sem-terra é outra coisa. É um movimento social. Eu posso discordar aqui e ali, mas é uma coisa legítima. O que não é legítimo é fazer de conta que o governo não faz nada. Faz. Encontrou uma situação muito ruim, e nenhum governo fez mais pela reforma agrária do que o meu governo. Em números. Nós temos que ter uma atenção muito grande, porque esses problemas do Brasil não podem ficar sendo empurrados com a barriga. Isso vale para as reformas. É vergonhoso levar dois anos para votar uma lei importante para o Brasil.

**Pergunta** — E o...

**Cardoso** — Eu vou responder, mas tem uma outra coisa que eu gostaria de dizer. É também muito vergonhoso que nós não sejamos capazes, no Brasil, de conter essa violência, que não é do governo, que é contra, mas que existe na sociedade, e existe nesses bolsões que estamos vendo, das polícias militares, que em muitos casos estão envolvidas. É uma coisa inaceitável. O governador Mário Covas propôs uma mudança, vamos estudar essa mudança. Algo nós vamos ter que fazer, e logo. É claro que as pessoas têm informação, não vão julgar o Brasil só por esses fatos. Como nós não julgamos a violência nos Estados Unidos ou na Inglaterra ou onde seja, não julgamos um país em bloco: É momentânea a sensação de que as coisas vão mal. A gente supera. Mas é preciso força, energia e continuidade.

**Pergunta** — Presidente, o mecanismo para fazer o Congresso votar não é a maioria? E a essa sua maioria, não está prejudicada pelas vagas no ministério?

**Cardoso** — São coisas diferentes. O ministério é uma coisa administrativa. É uma decisão minha, tem a ver com a administração, eu nunca submeti o ministério a barganhas para votar

prá cá ou votar prá lá. Tem que votar quando estiver de acordo, convencido, como eu estou, e a maioria também está, de que as reformas são importantes. Vejam, o Congresso tem votado. Esta legislatura é a que mais trabalhou. Agora, é preciso aprovar logo certas medidas. Na reforma administrativa, nada justifica que ela seja adiada. Acho que isso é importante. Em política, é sempre assim: nada é estável.

**Pergunta** — E a reforma da Previdência?

**Cardoso** — Ah, o Senado vai votar. Conversei com o senador Beni Veras na véspera de vir para cá, o relatório dele está pronto, o Senado vai votar. Vejam, estou pedindo urgência, mas a verdade é que em todos os países essas matérias têm lá sua demora. Não estou aqui reclamando no sentido absoluto. Pelo contrário, sou agradecido ao Congresso pelo muito que votou. Acho que, num ou noutro momento, pode haver uma incompreensão que não se justifica. Não se justifica. E não é por razões políticas maiores, não. Não é por causa de ministério, não. Se fosse, ainda dava para entender. É por fal-

ta de atenção à necessidade, à urgência do Brasil. Aí é preciso fazer um apelo: votem. Por favor, votem.

**Pergunta** — Como o senhor analisa o vazamento do documento do Banco Central ocorrido ontem, onde se diz que o real vai ser desvalorizado em 8% até o final do ano?

**Cardoso** — Isso não existe. O real vai funcionar de acordo com o mercado. Imagine se um papel de um tecnocrata vai decidir a moeda. Isso vai ser decidido de acordo com o mercado. Se houve vazamento, se alguém é responsável, tem que ser demitido. É preciso botar pra fora funcionário que não presta.

**Pergunta** — O senhor falou ontem sobre as reformas que, se tivesse recebido ajuda, não precisaria nem de reeleição. E criticou a CNBB como um dos órgãos que não tem ajudado, deu nota baixa para ela.

**Cardoso** — Não, eu não critiquei a CNBB, nem dei nota baixa. Eu disse — não falei CNBB, nem usei a expressão CNBB — disse que às vezes falta compreensão, coisas que são erradas. In-

**“Não é conveniente para a CNBB opinar sobre a Vale, porque eles não têm informação”**

clusive em alguns documentos específicos. Não dei nota baixa, não sou professor.

**Pergunta** — Que documento?

**Cardoso** — Um documento, eu já falei de público, que apareceu lá sob o timbre da CNBB, e também a manifestação sobre a Vale do Rio Doce, porque aí eu acho que já não é matéria para a CNBB. Eu não vejo que seja conveniente para a CNBB — uma instituição que respeito e muito, assim como respeito os cardeais —, não para que eles opinem, porque não têm informação. Tanto mais que eu me disponho a dar informação, eu informo do que é necessário. Dom Lucas (Moreira Neves), por exemplo, é meu amigo, me encontro sempre com ele. Aqueles que têm idéias diferentes, têm o direito de tê-las. Democraticamente, espero convencê-los, e eles esperam me convencer, mas numa relação de profunda fraternidade.

**Pergunta** — E sobre a ajuda e a reeleição?

**Cardoso** — O que eu disse é o seguinte: se já tivesse feito o que é necessário... Vocês acham que a minha vida, vocês que me acompanham, é fácil? Acham que é um estilo de vida que possa realmente motivar alguém? Não, eu faço por dever de brasileiro. Quanto mais depressa, melhor. Quando mais cedo votar, melhor.